

Mágica Macau

Comoções, emoções e outros sentimemas

Ricardo Salomão

O que eu estou a escrever
não é o mesmo que estou a ver.
O que tu estás a ler,
não é o que eu escrevi.

Como vou saber
o que imaginaste ao ler
o que eu não escrevi
do que não estava a ver?

Dos Sitios

A Ma

Que Barco é aquela pedra?

O Vento e As Águas, ou As Estrelas, fundaram a Cidade do Porto Interior qual olho de tufão antigo, com nome de mulher. Foi feita refúgio de náufragos e repouso de sobreviventes, ponto de encontro para quem sai nas noites em que o destino sopra, e acorda no lado de fora do mundo. E gosta.

Belavista

Olhos frescos, vista limpa de coisa ainda nova.

Do Belavista olhava o Lisboa. Com certa arrogância, o rio, as ilhas, a cidade e as nuvens. Húmidas.

ÓÓÓ ôô, eia! Grito que desse a volta ao mundo!

Mas não, a cidade olhava, sempre sempre, a cidade como o hálito da amante. A cidade que não dorme, que não esquece. Não grita.

Em S. Tiago o pescador lança as redes como quem amanha uma horta, num rio castanho e espesso. Um junco regressa da pesca, como um tractor.

Tem um arrepio, pensa que é isto? e franze os olhos para compreender melhor.

E o rio é um mar, que hesita na fronteira com a terra, salpicada de ilhas, que estão ligadas por betão para a cidade passear aos domingos.. E de um momento para o outro desmoronam-se as verdades, soltam-se como pétalas ao vento, mas depois caem como os muros dos caminhos.

Canal dos Patos

Tempo parado, sons que voam e se combinam em coisa nenhuma. O canal que adormece com o sol atrás das montanhas da China. Ondas agora, e vozes incompreensíveis lá detrás. Um junco que aproa a maré, ganhando recorte com o alaranjar dos céus. Telhados como em Portugal, correndo para o mar.

Ilusões e sentimentos desamparados que se somem dentro de mim, atrás das montanhas da China. Calmo levitar sobre a existência, deslizar na superfície lisa do nada. Zzzzzz para lado nenhum.

Farol

Uma cruz que gira no céu, braços de luz que fendem a noite dos mares, rectilíneas, nas nesgas de céu entre este e aquele edifício. Záz, passa ela, e quase toca qualquer coisa lá naquela janela, e incendeia o ar carregado de humidade e faz-nos olhar a água que respiramos. Zás, outra vez a outra, mais pequena, mais rápida, a denunciar as nuvens, cerradas, de um delta imenso em terra escaldante, que se esboroa no castanho de todos os rios que se evaporam. Sim, agora é a grande, que se esboroa na água que a terra bebe e eu respiro e transpiro na noite que escorre para o rio castanho da terra que suga o céu, humidade, que liquefaz o pensamento. Só ritmo agora, de prédios e luz, no céu que passa na água que se respira. Só eu, agora, água e terra esbordada, numa cidade com uma cruz de luz a girar no céu da noite.

Fortaleza

Pedras e musgo o que foi desafio puro. Ruína e tempo no que dantes fora poder e força. Ainda olhando a célebre barra em cruz, em dez, mas só com melancolia, nem sequer com saudade.

Acolhe agora os namorados, furtivos, nocturnos. Às vezes um grupo de turistas que afaga as suas ameias como quem não acredita no passado. Levam fotografias e memórias para longe, talvez para os mesmos portos de onde dantes saíam os barcos que a vinham aqui desafiar.

Acabou tão natural como o mar e banal como uma esquina.

Istmo

Sim, lá na lixeira, vindo do istmo, ai! vertigem e velocidade, fogueiras ao fundo, incendiando a noite, veloz aqui, embalagem de metal embalada no istmo, noite incendiada. Mas à direita, futurismo pós industrial, noite rasgada, rectilínea de luzes, pequenos traços, qualquer coisa que parece um prédio, mas vivo, e vivo também eu na velocidade que zumba e treme porque é uma estrada, e é a embalagem, e são as nuvens carregadas de chamas, e o zunir fino, inexistente, longínquo, que a fábrica faz do lado esquerdo do meio onde a embalagem que eu sou é velocidade, no is - te - muuuu.

Na estrada entre duas ilhas, linha de dois mares, o sonho crispado numa estrada sempre curta demais.

Porto Interior

Numa rua que é porto interior atrás dos prédios com cais à beira mar. Avenida de carros e camionetas, serralharias e velhas estâncias de madeiras perfumadas jazendo na penumbra funda de armazens de poeiras suspensas. Cais e mar nas janelas rasgadas das entranhas dos edifícios.

Numa rua que é porto interior, os carpinteiros constroem caixões com formas de nenúfar.

Praia Grande

Praia Grande, curva que rima com a ponte, mar que nem sempre está mas deixa peixes com patas, pneus e latas.

Baía das caravelas e lorchas, aconchego das pratas do Japão, embarque de sedas e porcelanas, Macau que era o mar.

Avenida de luxos e governos, prédios e espelhos, sonho de outros tempos com alguém passeando lenta, muito lentamente pela borda de água..

Coração taquicárdico da urbe euro-chinesa, arquitectura de impossíveis exigindo o mediterrâneo mas dando braço a pagodes e embalando riquexós com turistas que olham ainda caravelas e lorchas.

Beijou a cidade, o mar, que começou o princípio passado. Seus lábios desenharam a praia e nos trouxeram em alguma maresia secreta, nos braços do Fung Soi, até ao porto do destino.

E ficou desenhada para sempre no mapa dos movimentos do universo das energias.

Rua Fernão Mendes Pinto

O orfão chega e diz que o seu pai gostava de automóveis. A viúva encomenda computadores para o marido que faleceu novo.

O artesão desenha os contornos em que a vida dos outros se cristalizou, cobre-os de papel para dar significado às suas formas.

De bambú e papel, a ponte para a cônica funda da casa do fumo.

Templo de Kun lam

Ali amam-se árvores como não puderam em vida, e fizeram do templo apenas uma desculpa.

Das Pessoas

Os Amantes

Os amantes abraçam-se agora, na passagem que Macau sublinha, penetram-se sem se tocar, como se fosse o passado.

Consumem-se.

Não há ser mas apenas estar. O presente pretérito constrói as memórias assépticas de quem evita arriscar, óptimas para o momento de fazer os caixotes.

E sussurram para dentro de si próprios: Quem és tu amanhã?

Aquário

I

Numa montra de sentido único estão 127 tailandesas. Olham os homens para dentro das batas delas, repetem os números ostentados nos seus peitos em pequenas chapas de plástico vermelho com a forma de um coração. Olham e medem o desejo.

A "mãezinha" está atenta aos olhares, sobretudo aos olhares, e invoca números num microfone.

Vem, não gostas de mim? Ainda sonho de selva, olhos de pássaro e destino aberto. Vem, vamos contar histórias das nossas terras. Deixa crescer os teus sonhos no meu regaço. Vem.

A caixa registadora tilinta com o amor de plástico vermelho. Mas só a alegria delas, 127 sorrisos num aquário, aperta o sentimento e dá a dissonância dos episódios trocados.

Aquário

2

Mas a noite está inundada de amor pronto a consumir. As ruas brilham de néons excitantes e as putas inundam a cidade ingenuamente, como a maresia, filhas do infinito e do esgoto.

Tudo depois da meia noite se incendeia e transforma. A selva acorda saindo dos sonhos mais malditos dos sonhos dos sempre justos. O inesperado, o insólito e o mau, tudo está à solta.

Pode ser melhor fechar os olhos e adormecer à sombra de alguma regra que rasgue os céus em dois infernos

Pode ser melhor fechar os olhos e simplesmente fazer o que mais convier.

Mas para os ávidos do olhar, para quem o mundo é um cristal de mil brilhos e os querem todos guardados no significado de eu, para esses, a aventura e a descoberta não são coisas recusáveis. São ser.

Aquário

3

Misturam-se depois os bem comportados, que se divertem, diversos e alheios. E os maus bem comportados e os que alimentam desejos ocultos, e os que são o que ninguém imagina ou, os mais perigosos, aqueles que são o que lhes apetece. Mistura-se então o etc. Sem rosto, números apenas.

Mais música e luzes e movimento e alcool para tudo se amalgamar num sentimento único, particular.

Dói a fugacidade desses momentos perfeitos dum continuum mágico múltiplo, total. Dói a artificialidade da noite.

Mas depois é só uma voz antiga que sempre contou histórias e fez perguntas. A voz que fala dos mundos. E dançam os bem comportados, excitados por poder estar à porta e não entrar.

Cena

Um homem vende heroína, agachado. Uma velha espera o autocarro com a neta , de uniforme escolar, pela mão. Uma mulher com uma criança pendurada às costas namora uma montra de panelas elétricas. No primeiro andar ensaiam os músicos de uma orquestra chinesa. Passam aqueles adolescentes, partilhando um walkman. Tropeça o ciclista. Pára a orquestra e chega a camioneta de onde sai um homem que atira o jornal para o chão, de onde ela o apanha, antes de ir - como todos os dias - olhar o mar, na ponte, sempre para onde o sol nasce, e dançar com a energia do vento e da água, reencontrando a ordem, braço a deslizar sobre o cotovelo, os dois dedos esticados, joelho perpendicular e o umbigo aberto ao mundo.

Cicatriz

Esfarrapada, desgrenhada e imunda vai para a ponte nos dias mais cinzentos. Queda-se olhando Este, sem um gesto, cabelos sebosos ondulando amassados ao sabor do vento. A 100 metros de Macau no tabuleiro sobre o mar, olhando oriente.

E murmura, sou a cicatriz, atriz, cicuta, sol escuta. Murmura.

Conformismo

Uns habituaram-se às tuas comodidades. Serão pacíficos enquanto as tiverem. Depois culpar-te-ão.

Outros não passam sem os teus vícios e serão os primeiros a invocar o teu nome para aliviarem o peso das escolhas que foram só suas.

Aqueles que não te perdoam por não seres outra, é como se nunca por ti passassem.

Dos que te usam, é inútil pensar em remorso. Sabe-se que a primeira virtude para os parasitas é serem desprovidos de sentimento.

Restam-te os que te amam para deles escolheres as tuas vítimas.

Não receies, quem ousa amar não teme sofrer. São duras as pedras dos caminhos, e por isso se avança.

Ela

Olha-me e baixa os olhos.

Sei que me desejas, talvez só me queiras desejar. E olha-me de novo.

Cara fechada.

Os passos trocam-se e afastam-se. Costas com costas.

Desliza

Sem responder ao meu sorriso.

Ver-nos-emos de novo, mil vezes.

E só tu me recordas.

Filipina

De olhar índio conta-me histórias de ilhas e selva, por entre os solavancos do autocarro. Depois, em voz mais baixa, revela-me que a cura de todos os males se obtém enterrando os nossos artelhos na terra e assim assistir ao poente.

Olha depois através da janela a paisagem, demoradamente, que corre escondendo-se nas nossas costas. Só o silêncio permite a revelação.

Flutuantes

Os que vivem nos barcos desdenham a terra para quem são apenas um insólito que flutua. Partem rebentando panchões e rasgando os mares, para depois regressar num sussurro, vida medida por marés. Podemos fingi-los num restaurante ou num casino, mas é apenas molhada a mão que quer agarrar o mar.

Gaiola

Chega depois do calor e pendura a sua gaiola na árvore. Ilude o pássaro que canta julgando-se na árvore.

Regressa a casa antes do anoitecer.

Come.

Vê TV.

E dorme.

Mais iludido que o pássaro.

Lanternas

E oferecem pequenos balões iluminados aos filhos que as levam, orgulhosos, naquela noite. Vão todos juntos para as praias, para os jardins, para os terraços. Nós ficamos a ver, do lado de fora. Olhamos milénios de gestos mas só vemos paisagem.

Ópera

A vila era uma planície de som.

Sentado à soleira da igreja, olhando o pequeno jardim, o obelisco aos heróis da guerra final contra os piratas, pequeno e mudo, feliz por existir.

Do restaurante vazio vinha a voz fina e macia de mulher, nos requiebros trinados duma ópera cantonense. Um canto incompreensível, singelo, espontâneo.

Sobre o tapete distante das televisões, das pedras de Majong, aquela voz hábil e sofrida sobrelevava-se, crescia nos gorgeios. A voz só, pelos céus da noite..

Passos curiosos para o restaurante vazio, passos transportados sobre a canção, exigidos pelo canto. A porta rasga-se de luz para a sala fluorescente onde uma rapariga pinta as unhas.

Sobe os olhos, a canção pára, o feitiço acaba. Gostaste? Pergunta-me. Como se diz sublime?

Festa em Coloane

Pouco a pouco o terreiro do pagode vê crescerem as estranhas geometrias de bambús atados, silhuetas contra um céu de veludo cinzento. Rápidamente, porém, surgem os estridentes plásticos vermelho-branco-azuis a tudo cobrirem até cheirar a catedral.

É então noite de ópera de Cantão. E toda a vila se enfeita e enfeitiça. Chegam em grupos, alegres e barulhentos, gritam e batem palmas, comem e soltam grandes UÁÁÁ! com as peripécias e piruetas dos artistas. Comem mais nas mais longas árias. E no fim saem todos, empurrando-se, e volta a encher-se a vila de seus residentes e a vagarem as ruas para os seus soturnos e lunáticos, solitários, passeando, olharem o canal, contando os segundos de seus dias, um, dois, três...

Viúva

O céu é um ecran vazio, o mar apenas um traço pastel. Na ponte uma viúva ata flores com um arame num candeeiro branco apontado ao céu. O mar desliza como o tempo mas é opaco como um abismo. Uma viúva, só, entre carros e autocarros, reza no candeeiro número 29, a morte que não estava escrita em nenhum livro. Consagra postes e grades, trânsito e abismo. Sob o céu, como num ecran vazio.

Procissão

De repente aparece um polícia que diz brevemente "carro não pode passa". Então aparece o andor, púrpura, o Bispo, os meninos e meninas de branco, a passo, no Senhor dos Passos. Rezam, com os olhos rasgados, rezam Pai nosso que estás no céu... O trânsito pára, os passeios ficam cheios de gente a olhar a procissão, a ouvir a banda, a cheirar o incenso dos queimadores em movimentos hipnóticos. E passa depois o mar de católicos. Chineses, europeus, filipinos... Os carros voltam a apoderar-se das ruas e as pessoas lembram-se do que tinham para fazer. Macau volta a ser a soma das partes.

Velha

Estou longe e vejo a velha agachada lançando papéis ao fogo. Calma, metódica. Vejo, mas não sei o que é lançar assim papéis num fogo que consome para o outro lado. Não sei o que vejo.

Mas penso, e dentro de mim é a velha agachada que se incendeia, com família e marido violento, televisão ligada e cheiros que chegam da cozinha. E anos que passam, filhos que crescem, decepções que chegam. E a morte que vai tocando de mansinho, em redor, primeiro longe, naqueles que mal conhece... Posso vê-la, nos seus passinhos de chinesa, a atravessar a Rua do Teatro Alegria, sem grandes atenções ao trânsito, com o seu saco de nylon enfiado no braço, embrenhando-se no mundo dos tim tins, brique à braque aos seus pés, o único momento em que a rotina - e o tempo - param no seu dia. O que era hoje?

Do lado de fora do meu sonho a velha ageitou o min hap. Levantou-se agora, e sem olhar a fogueirinha nem mais um segundo, vira costas e desaparece na primeira esquina. A fogueira mais um pouco. Depois só cinzas, o vento e mais nada.

Vendedor

A sua loja são as rodas do carrinho. 72 espécies diferentes de chá - com orgulho.

Sandálias e camisa de alças na noite das corridas de cães, carrinho decorado com lustres de plástico. Por vezes desliga o seu olhar baço para entoar o pregão dos 72 chás. Numa esquina com clientes de hora certa, ele acompanha a passagem da noite percorrendo as ruas com pregão, carrinho, chás, lustres, sorriso e olhar baço.

Das Outras Coisas

Águas

Águas negras sobre céu azul muito escuro. Reflexos ínvios de barcos e dragas. Noite.

Carros que atravessam curtas estradas. Devagar. Namoro.

Árvores adormecidas no limite da terra, sombras que não esquecem.

O passado.

Toco as pedras para recordar o calor do dia que foi. Elas são.

E fico parado no suor do ar abafado, vento escaldante. Navego dias sem bússola mas aporto sempre a noite abrigada. Qualquer uma.

Todas.

Árvores

As árvores crescem com as raízes que caem das folhas que caem no chão onde as árvores crescem.

Bruma

Da bruma crescem ilhas e mares. Depois palavras que são pontes para o real possível.

Por fim as ruas com pessoas apressadas, portas e janelas.

Melancolia pelas paredes húmidas e bolorentas. Os carros deixam rasto no asfalto molhado, um após outro, apagando o anterior.

Numa varanda uma gaiola tapada, porque a missão do pássaro é estar feliz.

Calor

Abafa, como se o ar fosse espesso demais. Sonhos de atlânticos mutantes que de tanta humidade lhes crescem limos nos pulmões. Mas o calor é ainda mais forte, ele é sempre mais forte, e chove e seca de imediato. Ah, que trânsito este líquido gasoso.

Delta das Pérolas, microclima sufocante de transpiração e sal, terra e mar de braços.

E debaixo do calor a cidade que não pára, desdobra-se, abre-se e revela-se, mas sempre lentamente, sem sobressaltos, com os gestos exactos, numa grande planura de sentires, talvez apenas para não suar.

Cansaço

Cansaço (de 18 quilos) nos olhos que apagam o corpo. Braços pendidos, enterrados nas nuvens que se respiram, calor que abraça, enlaça e entrelaça. Derrete-se o pescoço e afoga-se a cabeça na alma. Noites de ventoinhas e motores, a casa que respiro luta pelo ar que me cobre.

Humidade

I

O céu está coberto,
Cobre o olhar inerte
Perante a difusão dos contornos.
Dias uterinos,
(ventre de nuvens)
A humidade escorrendo nas paredes,
Nos horizontes,
Chove na pele do mundo.

Humidade

2

Cinzentania, afinal, é aqui, com o céu prostrado sobre a terra, bolor brotando das paredes, cores desmaiando nas fachadas. Cinzentos, mistura de cores nenhuma, são os dias sem horizonte, a ponte sem margens.

Mas não é triste, são as coisas equalizadas, sem realce, sem alegrias, apenas com a doçura quieta dos resíduos da alma.

Sol

Bate o sol na terra desalmadamente, cham as cigarras num silvo rechinado e ensurdecador, e as almas ficam suspensas no calor. Ou então fica por detrás da nuvens, incendiando-as que nos derretem lentamente. Depois acalma-se e deixa-nos sós com o frio e as nuvens apagadas, cinzentas.

Tufão

O vento que tudo arrasta, mão de ar vigoroso. A chuva que de tanta não se divide já em gotas, simplesmente cai. E o calor intenso que abrasa a alma e tudo evapora, restando apenas troncos partidos e folhas dispersas mas abundantes que atapetam até o mar, que as arrastará para a desintegração no areal de uma qualquer remota praia. Nada fica igual depois da passagem do tufão. E têm nomes, um de homem e outro de mulher, sucessivamente. E lembram-se os idosos de quando a Betty passou por Macau, e abanam a cabeça "isso é que foi" nos lábios. E estudam os sábios os seus caminhos, dizendo aos leigos que o Johnny está a 300 milhas nor noroeste duma das 7015 ilhas das Filipinas, o que os satisfaz bastante.

Mas eu, rapaz da regrada solidez atlântica, sinto-lhe bem a presença exaltada dos elementos poderosos e desconcertantes, chuva a atravessar paredes e janelas concavas enfunadas como velas até se estilhaçarem.

Ano Novo

I

Do fogo, que crepita no céu, fica o rasto de prazer que perdura nos olhos. iiii iiii iiii iiii iiii até ao céu, onde se apagam numa explosão. Mesmo daqui vejo-os subirem num rasto de luz e imagino as pequenas mãos que buscam nervosamente os rastilhos, pivete aceso. Os pivetes. Descomunais que passeiam nas janelas entreabertas dos carros, deixando um rasto de fumo, um rasto de templo nas ruas da cidade. Ou ternos e singelos, em grupos de três, oferecidos à soleira de todas as casas. Os pivetes, coisas que são cheiro e fumo a pairar - portas de todos os mundos.

Ano Novo

2

E do jogo, a doer nos casinos, a doer na vida de toda a cidade, que se mistura nas fichas de roleta e nos gestos daqueles que se reinventam do lado de dentro do mito oriental. Salas pesadas de multidões, paredes e carpetes gastas de tanta ansiedade - e a roleta a girar - mundos e submundos, as coisas que acontecem atrás das que se veêm acontecer. E outra vez o desconcerto do mundo, o labirinto para dentro do jardimzinho, implosão de mundos.

Outro ano de animal, como nas histórias de contar. Mais dias para a cidade das histórias.

Mais pessoas que chegam, sempre a chegar, quem és tu? - A cidade a respirar, inchada de gente que a reinventa no sonho que deles se desenvolve. Nada, gente, nada cimento e águas revoltas, nada passa do jogo que circula em todas as veias da cidade. O mundo suspenso numa carta, um número, uma pessoa, uma regra. E o jogo do outro mundo que se afasta com panchões, que se compra com notas queimadas, ou que se deixou à beira mar desmaiado.

Ano Novo

3

A cidade do Santo Nome entra no ano do bezerro de ouro, explode e incendeia-se para evitar ver o que sabe existir. A cidade cumpre a apoteose do cenário, representa-se no ritual de todos os anos, sereia que acorda no beijo do nosso olhar e entoia incessantemente a magia do faz de conta, na conveniência de cada dia.